

# BRAZLÂNDIA

## De município goiano à cidade-satélite

Maria do Rosário Caetano  
da Editora de Cidade

Esquecida, crescendo lentamente, entre verdes canteiros de hortaliças e as águas represadas do rio Descoberto, Brazlândia, uma das mais pobres cidades-satélites de Brasília, vai arrastando, com suas muitas tristezas e poucas alegrias, seus problemas cotidianos.

A cidade tem uma renda per-capita anual de Cr\$ 1.700,00, superior apenas à da Ceilândia, que é de Cr\$ 1.500,00. Para se ter uma idéia do nível econômico dessas comunidades basta compará-la ao Plano Piloto, onde a cada habitante, corresponde, anualmente, uma renda de 12 mil cruzeiros.

Vivem em Brazlândia 23 mil habitantes, sendo que 18 mil estão na zona urbana e cinco mil na zona rural.

### A ANTIGA FAZENDA DO SOBRADO

A origem da cidade remonta ao século XIX, quando no local existia apenas a Fazenda do Sobrado. Em 1933, o pequeno arruial, que crescia às margens do Córrego da Chapadinha, se transformou na cidade de Brazlândia, em homenagem aos descendentes de João Braz Sobrinho, homem influente no lugar. A pequena comunidade pertencia ao município de Luziânia. Com a inauguração de Brasília, essas terras foram desmembradas do território goiano e incorporadas ao Distrito Federal. Em abril de 1962, foi criado o Distrito de Brazlândia e estabeleceu-se suas divisas.

### ENTRE A CONSTRUÇÃO CIVIL E A AGRICULTURA

A maioria da população ativa de Brazlândia trabalha no Plano Piloto ou em Taguatinga. Nessas cidades eles se dividem entre a construção civil, empregos domésticos, biscates, lavagem de carros, engraxates. Para chegar ao serviço, enfrentam, em ônibus superlotados, os 58 quilômetros que separam a cidade do local de trabalho.

Há um grande número de desempregados ou subempregados na cidade, uma vez que não existem fábricas, escritórios e o comércio local é incipiente.

"Vim de uma invasão que havia perto de Taguatinga e que foi removida há mais de oito anos. Quando viemos morar aqui, éramos apenas eu, meu marido e meu filho mais velho, que hoje está com dez anos. Agora somos nove pessoas, pois tive mais seis filhos, o caçulinha nasceu há quinze dias. Meu marido é doente e quase nunca trabalha. Eu, quando posso vou lavar roupa lá no Plano. Mas só a passagem custa seis cruzeiros, três pra ir, três pra voltar. E ainda tem o problema das crianças. A Mariinha, minha filha, cuidava dos meninos menores, mas agora ela entrou para a escola (fez oito anos) e não tenho com quem deixar meus filhos". (Maria da Conceição, 31 anos, lavadeira).

A atividade econômica que caracteriza a Região Administrativa de Brazlândia é a agricultura. Em seus 400 quilômetros quadrados de zona rural (a zona urbana abrange, apenas, 17 quilômetros quadrados) encontram-se centenas de chácaras que são cultivadas por cinco mil moradores. Essas chácaras são pequenas glebas que o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), após as devidas desapropriações, vendeu aos camponeses. Elas compõem o Núcleo Rural Alexandre de Gusmão e produzem grande parte de alimentos que abastece Brasília. Os principais produtos cultivados na região são o arroz, o milho, a mandioca, frutas e verduras. A criação bovina é bem desenvolvida, mas existe um acentuado primitivismo nos processos de criação e aproveitamento dos produtos.

A zona rural recebeu, recentemente, grupos de camponeses coreanos, japoneses e chineses. Com a chegada desses novos chacareiros a produção de hortaliças sofreu um sensível aumento.

Enquanto a zona rural diversifica e aumenta sua produção, a zona urbana continua mandando seus habitantes buscar trabalho no Plano Piloto e outras cidades-satélites.

Há um grave problema que impede a criação de um mercado de trabalho na Região Administrativa de Brazlândia: a cidade está situada na Bacia de Contribuição do Rio Descoberto. E de acordo com o Plano-Diretor de Saneamento do Distrito Federal, as águas desse reservatório serão aproveitadas para abastecer Taguatinga, Ceilândia e Gama. A instalação de indústrias em Brazlândia, deve obedecer ao mais rigoroso planejamento e controle para evitar a poluição das águas da barragem, situada apenas a cinco quilômetros da cidade.

### A VELHA E A NOVA BRAZLÂNDIA

A parte velha da cidade tem 43 anos e não segue a nenhum plano de urbanização. Suas moradias são antigos casarões, que ainda conservam um pouco da arquitetura das velhas cidades goianas. Ali moram as 179 famílias que têm renda superior a dois mil e 500 cruzeiros e as 437 que recebem entre dois e três salários mínimos. Nessa área estão os prédios da Administração Regional, os melhores mercados e lojas da cidade, o famoso Bar Mineiro, onde "nós, os desempregados da cidade, bebemos e conversamos



A "felicidade" de morar na Brazlândia

## Na estória de Osória, o problema de cada um

Osória veio para Brasília em 1967. Queria conhecer a tão falada cidade, casar-se, ter muitos filhos e ser muito feliz. Chegou com uns parentes do interior de Minas. Todos como ela, pensavam em se ajetar. Ficar rico, não! Se ajetar mesmo; ter uma boa casinha, com vitrola, fogão a gás, e até quem sabe, televisão.

O primeiro contato com Brasília foi agradável. Viu prédios como nunca tinha visto. Quantas luzes! Quanta gente! Muitos rapazes! Um até lhe sorriu!

Esperou na fila de ônibus da Pioneira, o coletivo que a levaria, junto com os parentes, para Taguatinga, lá outros parentes os esperavam.

Viu tudo de novo que a agitada rodoviária mostrava, só não viu como a fila crescia. Por fim, depois de uma longa espera, o ônibus estacionou. Em segundos uma avalanche a comprimiu e uma massa compacta a empurrava. Assustou-se. Segurou firme a mala e entrou, quase carregada. Procurou os parentes seus olhos sentiram a presença cansada e triste dos tios. Sorriu para eles como se estivesse feliz com aquela confusão.

Da rodoviária cercada de prédios bonitos até Taguatinga foi uma longa caminhada. Finalmente chegaram. A tia reclamou. Estava com os pés inchados e um passageiro lhe pisara várias vezes. Também

podera, tanta gente num ônibus só.

Osória começava a impacientar-se. Taguatinga era uma cidade feia, comum, igual a tantas outras que vira pelo caminho. Mais impaciente e amargurada ficou, quando, depois de uma longa procura, chegou à casa dos parentes. Moravam em um velho e miúdo barraco. Barraco de madeira, sem pintura, triste, feio, sem poesia.

Dormiram durante semanas no barraco triste e feio dos parentes. Na verdade dormiam pouco, pois ela e os tios perdiam noites remoendo o cansaço e a angústia de não encontrar um bom emprego e uma boa casa para morar. Eles eram três pessoas e o barraco dos parentes era pequeno. Preciavam se alojar, definitivamente, em algum local.

Osória foi ser doméstica na casa de uma conhecida dos parentes. O tio arrumou trabalho numa construtora que estava erguendo um prédio perto da movimentada rodoviária de muitas luzes. A tia, com os pés inchados, passou a lavar roupa para umas poucas famílias que tinham condição de lhe pagar alguma coisa.

Empregados! Todos estavam! Faltava a casa. Dinheiro para comprar um lote, não tinham.

Um dia o tio trouxe uma novidade. Um conhecido que trabalhava com ele na obra lhe dissera haver, nas imediações de Ta-

guatinga, um local que não tinha dono. Bastava comprar tábuas e telhas e erguer o barraco. Dos ordenados iam reservando o impossível para compra do material. Tia Zulmira, com os pés, cada vez mais inchados, passou a lavar mais roupa. O dinheiro não rendia. Os parentes já estavam de cara amarrada. Beirava um mês desde o dia em que chegaram.

Economia aqui, tia Zulmira sem remédio, tio Pedro sem uma roupa decente... até que deu para comprar as tabuas e as telhas. Tudo de segunda mão, pois precisavam dar uma parte do dinheiro para os parentes. Afinal eles eram, também, pobres e não podiam arcar com as despesas de mais três pessoas.

O barraco foi um dos primeiros a se amontoar na "invasão" que beirava Taguatinga. "Invasão"! Osória não compreendia! Se a terra não tinha dono, o que é que tinha ficar morando ali?

— Porém, Osória, a terra tem dono! Ela é do Governo, explicava tio Pedro. E sereno, conformado dava mais explicações: não se preocupe, se ele nos tirar daqui, terá que nos mandar para outro lugar.

E foi isso que o Governo fez. Removeu a invasão para um loteamento novo, que ficava ainda mais distante do Plano Piloto. Foram morar na Brazlândia Nova, que estava surgindo, pobre e triste, ao lado da já velha Brazlândia, vilarejo que fora ponto de pouso de abastados fazendeiros goianos.

Na nova e definitiva casa, Osória vive hoje. Casou-se. Ainda lhe faltam o fogão a gás, a vitrola, falta até água dos sonhos que trouxe de Minas só um aconteceu: tem oito filhos! o maior dos sonhos — ser feliz — virou pesadelo.

durante as manhãs, com a parada, para o almoço, continuando pela tarde afóra, entrando quase sempre pelas noites desocupadas, já que não há nada para se fazer".

A Nova Brazlândia foi criada para receber os habitantes de uma "invasão" que crescia nos arredores de Taguatinga. Ali, os moradores encontraram lotes demarcados e foram designados para ocupá-los. Os serviços de infra-estrutura não foram instalados até hoje. E a Nova Brazlândia tem mais de oito anos. Na maioria das casas não há água encanada, os moradores se servem em torneiras públicas. Não há esgoto. Há dois anos atrás os formandos de Engenharia Civil da UNB prepararam um projeto para a rede de esgotos que deverá servir a cidade. Esse projeto está com a CAESB e a população continua, com suas fossas negras, esperando a sua implantação.

Nessa parte da cidade vivem 5.400 famílias que têm rendas inferiores a dois salários mínimos.

"Moro aqui há oito anos. Cheguei quando removeram os moradores de Taguatinga aqui pra Brazlândia Nova. E nesses anos só escutei promessa. Promessa de asfalto, implantação de esgotos, encanamentos de água dentro de casa e mais promessa. Aqui há água encanada, agora eu não tenho condições de puxar o encanamento pra dentro de casa. Eu ganho uma média de 500 cruzeiros por mês lavando roupa. Esse dinheiro mal dá para alimentação dos meus filhos, que são todos menores e não trabalham... E eu não sou casada. Tenho que me virar sozinha." (Maria Rosa, 28 anos, mãe de 4 filhos.)

### SÃO POUCAS AS DIVERSÕES

Cartazes de desenhos e letras incertas mostram e divulgam os filmes que o Cine São Francisco vai exibir nesse mês: "Meu Nome é Mallory Com M de Morte", "Um Virgem na Praça", "Tarzan e Montanha Secreta", "Cada Um dá o que Tem". Entre todos esses cartazes se vê evidência e traz uma chamada em grandes letras: "O filme que fez sucesso no mundo inteiro". Em baixo fotografias publicitárias de "O Exorcista".

O Cine São Francisco é uma construção provisória, em madeira. Sua sala de projeção tem capacidade para receber 345 pessoas por sessão. E, juntamente com algumas lan- chonetes e uma piscina de água corrente a única alternativa que a população tem para se recrear.

"Eu não tenho tempo para me divertir. Passo os dias cuidando dos meus filhos. Aos domingos vou à missa. Não tenho televisão, nem rádio. A minha vizinha tem televisão. Eu não vou assistir os programas lá porque se eu for tenho que levar os meninos. Mas eu tenho seis crianças, o mais velho está com 11 anos. Essa menina toda, mais os quatro da comadre, enchem a sala e fazem uma bagunça tão grande que ninguém aguenta." (Terezinha, 32 anos, dona de casa.)

### O GAS ESTA MUITO CARO

É comum se encontrar um fogão a lenha nos terrenos que fazem frente às casas (os barracos são construídos nos fundos; só a casa de alvenaria poderá ocupar a frente do lote). Nessa fôrnalha de barro as mães esquentam água para dar banho nos filhos (muitas nunca viram um chuveiro elétrico), as lavadeiras ferveem roupa e muitas preparam a comida.

"Eu me casei há doze anos. Tenho sete filhos. O mais velho tem onze anos, e me dá uma ajuda muito grande. Nessa hora ele está aí pelo cerrado buscando feixes de lenha. O que ele recolhe dá para o nosso gasto, e às vezes sobra, então ele vende pra vizinhança. Aqui em casa tem fogão a gás, mas há três meses que não sobra dinheiro pra comprar o gás. Meu marido é pedreiro e ganha muito pouco. Eu não trabalho, pois preciso cuidar dos meninos". (Alzira, 35 anos, dona de casa.)

### A ESPERA DO SETOR DE INDÚSTRIA DA CEILÂNDIA

Os moradores de Brazlândia que trabalham no Plano Piloto enfrentam o problema da longa distância (58 quilômetros) que é agravado pela carência de um adequado sistema de transporte (os ônibus são poucos e custam seis cruzeiros diários).

Uma solução apontada pelos administradores é a criação do Setor de Indústria de Ceilândia, que poderá absorver a mão-de-obra que ora trabalha na construção civil, setor que já vem diminuindo a oferta de empregos.

Enquanto isso a Velha Brazlândia continua contrastando com a Nova. Os moradores vão frequentando 26 templos que rezam os mais diversos credos.

Os habitantes da Velha Brazlândia dizem que o padroeiro da cidade é São Sebastião, os da Nova acham que é o Menino Jesus de Praga, pois monas atrás a cidade assistiu, com a presença do governador e a esposa, a inauguração de um moderno e colorido santuário que traz o nome do Menino Jesus.

Enfrentando, diariamente, os longos caminhos que os levam ao trabalho, plantando e colhendo verduras, batendo papo no Bar Mineiro, assistindo filmes no velho Cine São Francisco, os habitantes da Brazlândia aguardam dias melhores.



Grande parte da população veio removida de invasões



Habitação: um grave problema.



A Brazlândia é responsável por grande parte da produção hortifrutigranjeira consumida em Brasília